

La Comédiathèque

Os Rebeldes

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediathèque.net>**

Os Rebeldes

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Na idade adulta, as nossas vidas nem sempre são como as sonhávamos aos vinte anos. Pelo contrário, a lembrança idealizada dos nossos vinte anos costuma estar bastante distante da realidade da nossa juventude. Entre as nossas vidas sonhadas e a nossa vida real, esconde-se a nostalgia de todas as possibilidades. Fica a eterna pergunta: será que realmente poderíamos ter vivido outra vida, ou tudo isso estava escrito desde o início? Esta comédia agridoce desenha com pequenas pinceladas o retrato tragicômico de algumas personagens com destinos frustrados.

Personagens:

Victor

Fred

Max

Tom

Cecilia

Alicia

1. Entrada de emergência

Ele está de pé, de braços cruzados, em frente a uma porta imaginária. Ela chega.

Cecilia – Desculpe, é aqui a entrada dos artistas?

Tom – Afirmativo.

Cecilia – Então, é por aqui que vão sair.

Tom – Quem?

Cecilia – Os membros da banda! Os Rebeldes!

Tom – Ah, não me parece.

Cecilia – Acabou de me dizer que era por aqui.

Tom – Eu disse que era a entrada dos artistas.

Cecilia – E então?

Tom – Não disse que era a saída dos artistas.

Cecilia – Mas há uma saída dos artistas?

Tom – Isso eu não sei, menina. Disseram-me para vigiar esta porta, estou a vigiar, e é só isso...

Cecilia – Mas olhe, junto ao cartaz de "entrada dos artistas", também diz "saída de emergência".

Tom – Ah, sim...

Cecilia – Isso significa que também podem sair por aqui.

Tom – Se houver um incêndio, sim.

Cecilia – Acha que só vão sair por aqui se houver um incêndio?

Tom – Um incêndio ou...

Cecilia – Se há uma saída de emergência... talvez também haja uma entrada de emergência.

Tom – Para quê?

Cecilia – Não sei... No caso de haver um incêndio lá fora.

Tom – Talvez.

Cecilia – Então, não sabe por onde vão sair?

Tom – Não.

Cecilia – Não está muito informado. Para ser um vigilante...

Tom – Só faço o meu trabalho.

Cecilia – E qual é o seu trabalho?

Tom – Vigiar a entrada dos artistas.

Cecilia – Para quê?

Tom – Para que ninguém entre.

Cecilia – Excepto os artistas, então.

Tom – Excepto os artistas.

Cecilia – Bem, mas eu não quero entrar. Só quero pedir-lhes um autógrafo quando saírem.

Tom – Para saírem, primeiro têm de ter entrado.

Cecilia – Ah, então ainda não entraram?

Tom – Não.

Cecilia – Podia ter-me dito antes.

Tom – Não perguntou.

Cecilia – Está bem...

Tom – Então, sempre pode pedir-lhes quando entrarem.

Cecilia – Pedir-lhes o quê?

Tom – Perguntar-lhes por onde vão sair.

Cecilia – Seria mais fácil pedir-lhes um autógrafo diretamente quando entrarem, não acha?

Tom – Isso decide você.

Cecilia – E se me deixar entrar?

Tom – Para quê?

Cecilia – Para esperá-los lá dentro. Tenho a sensação de que vai chover...

Tom – Ah, isso não vai ser possível, menina. A menos que...

Cecilia – A menos que...?

Tom – A menos que me deixe o seu número de telefone.

Cecilia – Você não tem vergonha, pois não?

Tom – Não, mas estava a brincar.

Cecilia – O quê?

Tom – Obviamente já estão aqui, o concerto começa dentro de um quarto de hora.

Cecilia – Está bem... És um cómico. Para ser um vigilante...

Tom – Certamente porque não sou vigilante.

Cecilia – Então, quem és?

Tom – Vim para o concerto, como tu. Saí para fumar um charro enquanto esperava que começasse. É uma banda do bairro, sabes. Não são os Rolling Stones. Achas mesmo que têm dinheiro para pagar um vigilante?

Cecilia – Não sei...

Tom – Em qualquer caso, já têm uma fã. Na verdade, és a única. Vai-lhes fazer bem.

Cecilia – Eu também estava a brincar. Na verdade, se procurava a entrada dos artistas, era para poder entrar sem pagar. Como te confundi com um vigilante...

Tom – Entendo...

Cecilia – Achas que se pode entrar por aí?

Tom – Provavelmente. Eu consegui sair.

Cecilia – Bem, então vou por aí...

Tom – Mas ainda não entendo por que insistes em entrar pela saída de emergência.

Cecilia – Já te disse. Para não pagar.

Tom – Pagar? O concerto é grátis. Achas mesmo que alguém pagaria para ouvir Os Rebeldes?

Ela parece desconcertada.

Cecilia – Tens razão, devo tê-los confundido com outra banda...

Tom – Dá-me o teu número. Quando houver uma banda que realmente valha a pena, eu ligo-te...

Cecilia – Claro...

Ele acende um charro e oferece-lhe.

Tom – Queres? É libanês.

Ela pega no charro, dá uma passa e faz uma careta.

Cecilia – Isto vem do Líbano?

Tom – Bem, o tipo que mo vendeu era libanês. Pelo menos, foi o que ele me disse...

2. Desacordo

Max está lá com um baixo que está a afinar. Fred chega com uma guitarra.

Max – Foste dar uma olhadela à sala?

Fred – Sim...

Max – Está a abarrotar, estás a ver? Até parece que há alguns a tentar entrar pela saída de emergência.

Fred – Ah, sim?

Max – Não vais acreditar, mas uma rapariga pediu-me um autógrafo...

Fred – Deste-lhe o teu número?

Max – Nem sequer...

Fred – Não era boa?

Max – Tinha catorze anos...

Fred – Percebo...

Max – Mas estás a ouvir?

Fred (*com a cabeça noutra lugar*) – O quê?

Max – Estão a impacientar-se. Já estão a aplaudir. O nosso público está a chamar-nos!

Fred – Ah, sim...

Max – Fred, sinto que algo está a acontecer aqui. Vais ver, amigo. Daqui a uns anos, quando lançarmos o nosso terceiro álbum, vamos lembrar-nos deste concerto e dizer que foi aqui que tudo começou.

Fred parece estar à procura de algo.

Fred (*preocupado*) – Pois...

Max – Estás bem? Não estás demasiado pedrado, pois não?

Fred – Não, não... Bem, sim, mas...

Max – O que se passa?

Fred – Parti uma corda.

Max – Tens tempo suficiente para a trocar. Além disso, se nos fizermos esperar um pouco... Isso vai aumentar a tensão.

Fred – O problema é que... não tenho a corda suplente.

Max – Não tens cordas suplentes?

Fred – Sim, mas... não essa.

Max – Como assim, não essa?

Fred – A corda si. Não tenho a corda si.

Max – Estás a brincar?

Fred – Não...

Max – Merda, Fred...!

Fred – Não tens uma tu?

Max – Tenho dois jogos de cordas suplentes para o meu baixo. Apesar de as cordas de baixo não se partirem com frequência, sabes...

Fred – Desculpa...

Max – Não há uma loja de música aqui perto?

Fred – É domingo.

Max – Merda... Então, o que fazemos?

Fred – Bem... não toco com essa corda, é só isso.

Max – Ótimo...

Fred – Bem, ainda tenho cinco.

Max – Se não partires outra antes...

Fred – O que queres? É o meu lado destruidor. O Jimi Hendrix partia a guitarra no palco...

Max – Sim, mas ele esperava até ao final do concerto. E tenho a certeza de que ele sempre tinha um jogo de cordas suplentes. Por que não tens cordas suplentes?

Fred – Não tinha dinheiro.

Max – Pois... Mas para comprar droga, tens sempre dinheiro.

Fred aproxima-se de Max, ameaçador.

Fred – Oi, achas que és a minha mãe ou quê?

Max – És tu que me tomas pela tua mãe, Fred. Então, eu devia ter cordas suplentes para a tua guitarra de merda? Estou farto de tocar com uma banda de falhados.

Fred – Ninguém te obriga a ficar, Max. És uma chatice para todos. Estamos aqui para nos divertirmos, não para ouvir as tuas lições de moral...

Fred vai-se embora. Victor chega.

Victor – Viste a quantidade de gente que está na sala?

Max – Sim.

Victor – Desde que temos uma cantora, temos muito mais sucesso, já reparaste?

Max – Ela canta mal.

Victor – Pelos vistos, os tipos não vêm só para a ouvir... Há algum problema?

Max – O Fred partiu uma corda.

Victor – E então?

Max – Ele não tem corda suplente.

Victor – Ah, merda... (*Tira um charro, acende-o, dá uma passa e oferece-o a Max.*)
Queres? É libanês...

Max – Não, obrigado, prefiro manter-me lúcido...

Victor (*a rir*) – Lúcido?

Max – Então, tu também estás pedrado.

Victor – Completamente. Bem, vamos embora? Acho que o nosso público está a chamar-nos...

Max – Merda, Victor, não percebes! O Fred já toca como um maneta com seis cordas, imagina com cinco. O público vai-nos destruir...

Victor – O público? Não te preocupes. São nossos amigos! E estão ainda mais pedrados do que nós...

3. Saída

Victor e Fred estão sentados numa mesa a tomar café.

Victor – Ótimo... Então vais-te embora dentro de três semanas, certo?

Fred – No dia 1 de maio, sim. No Dia do Trabalhador, vou-me de férias durante um ano. Ou mais, logo se vê...

Victor – Não serão exatamente férias, pois não?

Fred – Quando precisar de dinheiro, trabalho um pouco como cozinheiro ou empregado de mesa. É muito fácil lá. Há trabalho para todos. E os franceses são muito apreciados. Principalmente na restauração. Sem falar nas raparigas, claro...

Victor – O mito do French lover... Que sortudo... Vais-te divertir.

Fred – Podes vir comigo.

Victor – Não posso, infelizmente. Começo o meu ano de estágio em setembro num banco em Paris. E se não quiser passar três horas em transportes todos os dias, tenho de trabalhar este verão para pagar um quarto de serviço.

Fred – Pois...

Victor – É muito menos glamoroso.

Fred – Sem dúvida...

Victor – Já contaste ao Max?

Fred – Sim. Vi-o ontem.

Victor – E como é que ele está?

Fred – Sabes como ele é... O Max nunca está totalmente bem.

Victor – Ele está a preparar-se para os exames para ser professor. Está um pouco nervoso.

Fred – Quase não nos vemos.

Victor – Acho que ele está a trabalhar muito.

Fred – Ou talvez esteja ressentido comigo. Não sei porquê.

Victor – Acho que ele está ressentido connosco os dois por termos deixado a banda. E agora, tu também te vais embora. Então, Os Rebeldes acabaram?

Fred – Já tinham acabado, não?

Victor – Temos de aceitar a realidade, nunca nos tornaríamos estrelas.

Fred – Não estrelas do rock, pelo menos...

Victor – De qualquer forma, vendi a minha bateria para pagar o depósito do meu quarto.

Fred – E eu vendi a minha guitarra para comprar o meu bilhete de avião.

Pausa.

Victor – Os Rebeldes, que nome estúpido. Não me lembro quem é que o inventou na altura.

Fred – Fui eu.

Victor – Ah, sim, é verdade...

Fred – Quando estava no colégio interno, no meu internato de padres, aquilo era uma verdadeira prisão. Só podíamos sair ao fim de semana. E mesmo assim, se não nos pusessem de castigo. E, claro, não era misto.

Victor – Uau...

Fred – Imagina... Na idade em que só pensávamos em perder a virgindade, passávamos a semana inteira entre rapazes, de dia e de noite. Não sei como é que não me tornei homossexual.

Victor – E não tentaste fugir?

Fred – Um dia organizei uma greve para protestar contra as nossas condições de detenção. Todos pareciam dispostos. Mas, no final, de quatrocentos alunos, só três de nós se recusaram a voltar para a aula.

Victor – Os Rebeldes...

Fred – Havia um tipo na minha turma que dizia ser comunista. O típico aluno exemplar, sabes, mas muito comprometido politicamente. Perguntei-lhe por que é que ele não queria participar no nosso movimento de protesto. Sabes o que ele me respondeu?

Victor – Não.

Fred – Ele disse-me: "Isto é uma rebelião, não uma revolução..."

Victor – Ah, sim...

Fred – Não sei como é que ele está hoje com a sua revolução. Eu tento continuar a ser um rebelde.

Victor – E como é que acabou a vossa rebelião?

Fred – Esperava que me expulsassem, mas não. Nem sequer isso. Fomos castigados durante quatro fins de semana seguidos.

Victor – Ah, sim, lembro-me. Não te vimos durante muito tempo.

Fred – Prometi a mim mesmo que depois do secundário não deixaria que ninguém me trancasse nalgum lugar. E muito menos num escritório...

Victor – Pois...

Fred – Não te assusta a perspectiva de passar o resto da tua vida num banco?

Victor – Que queres... Não sou tão bonito como tu. Se quero encontrar raparigas, não posso contar só com o meu físico. Por isso, tenho de ganhar muito dinheiro...

Fred – Eu vou aproveitar enquanto ainda sou jovem e bonito... Depois... vou-me apoiar no humor.

Silêncio.

Victor – Vais a Normandia para o meu aniversário? É dentro de quinze dias.

Fred – Claro.

Silêncio.

Victor – Tens a certeza de que estás bem?

Fred – Perfeito.

Victor – Era o que querias, não? Ir-te embora daqui. Conhecer o mundo.

Fred – Sim... Daqui a três semanas, vou-me para a América! Vou enviar-vos postais, prometo.

Victor – E voltaremos a ver-nos.

Fred – Claro...

Trocam um olhar significativo.

4. Futuro

Cecilia e Alicia estão sentadas a tomar café.

Alicia – Vais a Normandia para o aniversário do Victor?

Cecilia – Sim. Posso levar-te, se quiseres. A minha mãe empresta-me o carro.

Alicia – Ótimo. (*Um momento*) O Max disse-me que ele estaria lá, creio.

Cecilia – OK... (*Um momento*) Mas, por que me estás a dizer isso?

Alicia – O quê?

Cecilia – Sobre o Max.

Alicia – Disse-o assim, sem mais...

Cecilia – Vamos lá... Ouvi como uma pequena insinuação na tua voz.

Alicia – De maneira nenhuma.

Cecilia – Vamos ser umas cem pessoas na festa. Por que me falas do Max?

Alicia – Não sei... O Max e tu...

Cecilia – Que tolice. Quem te disse isso?

Alicia – Ninguém. Mas toda a gente sabe que ele está apaixonado por ti, não?

Cecilia – Toda a gente?

Alicia – Excepto tu, aparentemente. Não gostas dele?

Cecilia – Foi ele quem te pediu para me dizeres isso?

Alicia – De maneira nenhuma, garanto-te... (*Um momento*) Bem, sim, um pouco...

Cecilia – Pensava que já tínhamos passado da idade destas infantilidades.

Alicia – Pois, não ele, vês? (*Um momento*) Então, e depois?

Cecilia – Gosto dele, mas... é apenas um amigo.

Alicia – Entendo.

Cecilia – Sim, claro, já percebi que...

Alicia – O quê?

Cecilia – Que ele me olha de uma maneira estranha.

Alicia – É bastante bonito, não é?

Cecilia – Mas é tão sério. Se passar uma noite com ele, tenho a impressão de que, na manhã seguinte, ele vai trazer o pequeno-almoço à cama e pedir-me em casamento. E que, ao fim de um mês, estaremos a pedir móveis na IKEA.

Alicia – E...

Cecilia – Não consigo imaginar assim.

Alicia – Entendo.

Cecilia – E, sinceramente, um tipo que nem sequer tem coragem de te perguntar pessoalmente se queres sair com ele.

Alicia – Suponho que ele tinha medo de levar um não.

Pausa.

Cecilia – E tu?

Alicia – Eu?

Cecilia – Gostas do Max?

Alicia – Não sei... Por que não...

Cecilia – Ah, sim?

Alicia – Só disse... por que não.

Cecilia – E ele manda-te falar comigo em vez de falar contigo?

Alicia – Parece que o impressionas.

Cecilia – Infelizmente, não é recíproco. Vês-o com frequência?

Alicia – Às vezes estudamos juntos para os exames.

Cecilia – Já percebo... Digo-lhe que gostarias de sair com ele?

Alicia – Seria bastante divertido...

Cecilia – Sim.

Alicia – Mas um pouco cruel.

Cecilia – Ele também procurou, não é?

Riem.

Alicia – E tu, o que farás no próximo ano?

Cecilia – Não sei... Nem sequer sei o que vou fazer neste verão.

Alicia – Não vais deixar a universidade, pois não? Como o Fred...

Cecilia – O Fred?

Alicia – Ele vai para os Estados Unidos no final do mês.

Cecilia – Ah, sim... Vai ficar lá muito tempo?

Alicia – Não sei.

Cecilia – Ele é um tipo estranho, o Fred.

Alicia – Mais divertido que o Max, certamente.

Cecilia – Não, quero dizer... ele está sempre a brincar, mas...

Alicia – O quê?

Cecilia – Não sei se é tão alegre como quer fazer crer.

Alicia – Achas que ele é gay?

Cecilia – Não... Bem, não sei. Achas que ele é gay?

Alicia – Não sei... Poderias tentar, já verás...

Cecilia – De qualquer forma, tem toda a razão em ir-se embora.

Alicia – Sim... Já foste alguma vez aos Estados Unidos?

Cecilia – Acho que o mais longe que fui na minha vida foi a Barcelona.

Alicia – Sério? Nunca andaste de avião?

Cecilia – Sim... para ir a Barcelona.

Alicia – Estás a brincar?

Cecilia – Não, garanto-te. E tu? Já viajaste muito?

Alicia – De qualquer forma, mudei-me muito. Até aos dez anos. O meu pai era militar. Mas mudar-se não é realmente o mesmo que viajar, sabes. Vivi em vários países de África. Nem sei quais. Para mim, mudar-me era sobretudo deixar as minhas amigas. Quando chegava a algum lugar, sabia que não devia apegar-me. Porque em seis meses, ou no máximo dois anos, iria embora. E nunca mais as voltaria a ver.

Cecilia – E depois?

Alicia – Depois, o meu pai morreu, e deixámos de nos mudar. É terrível dizer isto, mas acho que a morte do meu pai foi um alívio para mim... A possibilidade, finalmente, de me estabelecer em algum lugar. (*Parece à beira das lágrimas.*) Tu não vais mudar-te, pois não?

Cecilia – Não, fica tranquila... Fico aqui.

Cecilia coloca a sua mão sobre a de Alicia para a tranquilizar.

5. Táxi

Alicia está ali, parecendo esperar algo. Tom chega. Também começa a esperar. Ele a olha de soslaio. Ela evita o olhar dele.

Tom – Desculpa, estás à espera de um táxi?

Alicia – Sim...

Tom – Não, não te preocupes, não digo isso para... Não é só para começar uma conversa.

Alicia – Uma conversa?

Tom – Quero dizer, não é para dar em cima de ti. Só queria saber se estás à espera de um táxi.

Alicia – Entendo...

Tom – Podias estar à espera de outra coisa.

Alicia – O que se pode esperar numa paragem de táxis? Um autocarro?

Tom – Então estás à espera de um táxi...

Alicia – E...?

Tom – E como foste a primeira a chegar, o próximo táxi será para ti, só isso. Daí a minha pergunta. Agora sei que vou ter que esperar pelo próximo.

Alicia – Lamento por ti.

Tom – Não, não, não peças desculpa... Não é grave.

Alicia – Não estava a pedir desculpa.

Um momento de silêncio.

Tom – De repente, tenho uma dúvida...

Alicia – Outra vez?

Tom – Tens a certeza de que isto é uma paragem de táxis?

Alicia – Há uma placa. Diz "táxi".

Tom – Sim, mas isso não significa nada.

Alicia – Ah, não?

Tom – Num lugar como este... Não é certo que haja uma paragem de táxis.

Alicia – Então, por que razão diria "táxi"?

Tom – Pode ser só um ponto de encontro. Nas pequenas estações rurais, é comum ser assim.

Alicia – Não é exatamente uma pequena estação rural...

Tom – Pequenas cidades do interior, se preferires. As pessoas pedem um táxi com antecedência para ir ao hospital, ou a algum outro lugar, e no dia seguinte o táxi espera-as nesse lugar. A uma hora precisa. Em frente à placa que diz "táxi".

Alicia – Ah, é?

Tom – Pediste um táxi?

Alicia – Não.

Tom – Só nos resta esperar que seja uma verdadeira paragem de táxis...

Um silêncio um pouco mais longo, enquanto a dúvida se instala.

Alicia – Então, achas que estamos a esperar em vão?

Tom – Não sei...

Um momento.

Alicia – E se ligássemos para uma empresa de táxis?

Tom – Isso é só em Paris. Em algumas grandes cidades do interior, talvez. Certamente não aqui...

Alicia – Bom... então vamos esperar.

Um momento.

Tom – Tens horas, por favor? (*Alicia lança-lhe um olhar surpreendido.*) Não, mas não digo isto para...

Alicia – Começar uma conversa...?

Tom – Não tenho relógio... (*Alicia nota o relógio no pulso dele.*) Bem, sim, tenho um, mas... a bateria está descarregada.

Alicia – Então por que continuas a usá-lo?

Tom – Não sei... Suponho que me habituei a ele...

Alicia – Entendo...

Tom – Não, é uma brincadeira. A bateria acabou de descarregar. Mesmo agora.

Alicia – Que azar.

Tom – Então...

Alicia – Então?

Tom – Tens horas?

Alicia – Ah, desculpa... (*Olha para o relógio.*) É quase meia-noite...

Tom – Meia-noite...

Alicia – Sim... Há poucas hipóteses de alguém ter pedido um táxi para ir ao hospital a esta hora.

Tom – A menos que seja uma emergência... Mas em caso de enfarte ou AVC, não se chama um táxi na noite anterior, certo?

Alicia – Não... provavelmente não.

Tom – Bem, não sei... Pode ser que realmente seja uma paragem de táxis...

Alicia – Vamos esperar mais um pouco.

Tom – Mesmo que seja uma paragem de táxis, não significa necessariamente que venha um táxi. Um domingo à noite, à meia-noite, nesta cidade de merda...

Alicia – Não és muito otimista, pois não? Não sei se fiz bem em aceitar iniciar a conversa, afinal.

Tom – Desculpa... Mas posso ser muito divertido às vezes, sabes?

Alicia – Mais por acaso, imagino.

Tom – Posso perguntar para onde vais?

Alicia – Para quê?

Tom – Ah não, não digo isto para...

Alicia – Para meter conversa comigo?

Tom – Só que... já seria um milagre que chegasse um táxi em menos de uma hora, então um segundo... Pensei que se fôssemos mais ou menos na mesma direção, poderíamos partilhar. Quer dizer, apanhar o mesmo táxi.

Alicia – Sim, não sei...

Tom – Para onde vais?

Alicia (*apontando numa direção*) – Vou por ali...

Tom (*um pouco desconcertado*) – Ah, sim...

Alicia – E tu?

Tom – Eu também... Mais ou menos...

Alicia – Primeiro devia chegar um táxi.

Tom – Garanto-te que não digo isto para meter conversa, mas...

Alicia – Se parasses de começar todas as tuas frases com "não digo isto para meter conversa", garanto-te que seria um pouco mais credível.

Tom – Desculpa...

Um momento de silêncio.

Alicia – Bom, força, estou a ouvir-te.

Tom – Não, não, é só que... tenho a sensação de já te ter visto em algum lugar antes.

Alicia fica um momento desconcertada.

Alicia – Espera... "Tens horas?", "Tenho a impressão de já te ter visto em algum lugar antes?" Qual é a próxima pergunta? "Não terás lume, por favor?" Relaxa um pouco. Já começámos a conversa.

Tom – Está bem.

Alicia – Se tens coisas interessantes para me dizer, podes fazê-lo, estou a ouvir-te. Não te desgastes com os preliminares, porque garanto-te que os preliminares não são o teu forte...

Tom – Desculpa, é só que... realmente tinha a impressão de já te ter visto antes em algum lugar.

Alicia – Desculpa, estou um pouco nervosa...

Um momento. Ele tira um cigarro e procura nos bolsos algo para o acender. Em vão.

Tom – Então, não me atrevo a perguntar-te se tens lume...

Alicia – Não tenho. Não fumo.

Ele guarda o cigarro.

Tom – Que pena... Quer dizer, pena para mim... Que bom para ti se não fumas.

Alicia – Sim.

Um momento.

Tom – À espera do táxi...

Alicia – Sim, percebi.

Tom – Não, é... É o título de uma canção que escrevi há muito tempo.

Alicia – Escreves canções?

Tom – Sim... Bem, não, já não, mas... Porquê, tenho cara de quem escreve canções?

Alicia – Não sei. Não conheço ninguém que escreva canções. Quer dizer, não pessoalmente. E sobre o que era essa canção?

Tom – É a história de um tipo que... que está à espera do táxi.

Alicia – Sim, pelo título, já suspeitava um pouco. Isso é tudo?

Tom – Foi há muito tempo. Não me lembro muito bem, mas... O refrão era: espero o táxi, táxi, táxi...

Alicia – Espero o táxi, táxi, táxi...?

Tom – Sim. É o que me lembro...

Alicia – Entendo... E no final, o teu táxi chegou?

Tom – Não... Vês... ainda estou à espera...

Alicia – Não é muito encorajador.

Tom – Bem, essa história do táxi era simbólica, claro. O tipo que espera o táxi... que o levará a algum lugar. Era um pouco eu quando era mais jovem, sabes? Eu ou outra pessoa. Aos dezoito anos, todos esperamos que algo aconteça, não é? Que a vida nos abrace. Que alguém venha...

Alicia – Entendo. E no caso dele, então, ninguém veio.

Tom – Não... Bem, sim... Desde então, apanhei bastantes táxis, claro. Mas não aquele que me teria levado para onde realmente queria ir.

Alicia – E para onde querias ir, exatamente?

Tom – Não sei...

Alicia – Sim, bem, eu por agora, gostaria de voltar para casa.

Tom – Então, não vives com os teus pais.

Alicia – Não. Porquê? Vives com os teus pais?

Tom – Não... Bem, depende.

Alicia – Depende?

Tom – Depende dos dias.

Alicia – Entendo...

Um momento de silêncio.

Tom – Já sei, agora lembro-me!

Alicia – De quê?

Tom – De onde nos vimos antes.

Alicia – E então?

Tom – Também estavas naquela festa, em casa do Victor, naquela noite.

Alicia – Sim, de facto... Desculpa, não me lembro de ti.

Tom – Convidei-te para dançar. Na verdade, recusaste...

Alicia – Não te deixou muita impressão, não te lembravas de mim antes...

Tom – Lá havia uma luz ambiente, via-te mais... Aqui com os néones...

Alicia – Obrigada.

Tom – Não, mas também és muito bonita.

Alicia – E agora, tens a certeza de que não estás a tentar meter conversa comigo?

Tom – Agora, talvez um pouco, sim.

Alicia – Tinha planeado voltar com uma amiga que tem carro, mas ela encontrou um tipo lá, então...

Tom – Ah, sim, que azar. Quer dizer, para ti.

Alicia – Pensei que poderia encontrar um táxi. E tu?

Tom – Na verdade... não estava realmente convidado para essa festa. Quer dizer, sim, mas... Fui convidado por uma amiga que, no último momento, não pôde vir, então...

Alicia – Então, não conhecias ninguém.

Tom – Por isso, não me via a ficar lá a dormir.

Alicia – Essa delicadeza é de louvar.

Tom – Vim de comboio. Mas perdi o último. O próximo é às 7h32 de amanhã, já verifiquei.

Alicia – E entretanto, a estação está fechada.

Tom – Não sei se vale a pena esperar.

Alicia – Pelo táxi, queres dizer?

Tom – Temos que aceitar a realidade, nenhum táxi virá aqui esta noite.

Alicia – Vivo a trinta quilómetros, não posso voltar a pé.

Tom – Tirando o comboio das 7h32, não vejo outra opção.

Alicia (*olhando para o relógio*) – Ainda nem é meia-noite. Não vamos esperar aqui durante sete horas!

Tom – Sobretudo porque não está muito calor.

Alicia – Poderíamos voltar para lá, claro, mas...

Tom – Queres dizer, voltar à festa?

Alicia – Em casa do Victor, sim.

Tom – Honestamente, não tenho a certeza de querer voltar lá.

Alicia – Ah, sim?

Tom – Na verdade, foi o Victor quem me pôs na rua.

Alicia – Ah, sim? Porquê?

Tom – Uma história obscura de dinheiro que desapareceu de uma mala. Como eu era o único que ninguém conhecia, evidentemente, era o culpado ideal. Juro que não fui eu.

Alicia – Eu sei.

Tom – Obrigado. Então, não tenho cara de ladrão que rouba o dinheiro das malas dos convidados em festas onde não estou convidado?

Alicia – Sim. Na verdade, tens um pouco essa cara.

Tom – Então, como sabes que não fui eu quem roubou esse dinheiro?

Alicia – Porque esse dinheiro é meu. Pensava que tinha desaparecido. Contara à minha amiga, Cecília, que contou ao Victor. Mas acabei de encontrar o meu dinheiro no forro da minha mala.

Tom – Entendo. Então, em resumo, foi por tua causa que me puseram na rua como um ladrão.

Alicia – Não sabia que a minha amiga iria contar ao Victor. E que tudo iria dar tão mau. Na verdade, é um pouco por isso que eu saí. Estava muito desconfortável...

Tom – E eu também.

Alicia – Sinto muito.

Tom – Sim.

Alicia – Olha, se por acaso aparecer um táxi, convido-te a apanhares comigo. Deixarei-te em casa e eu pago a corrida.

Tom – Não corres muitos riscos. Nenhum táxi virá aqui esta noite.

Alicia – Então, o que posso fazer para que me perdoes? Embora tudo isto não seja realmente culpa minha...

Tom – Gritar "ladrão!" porque não encontras o teu dinheiro... e deixar que se acuse um inocente.

Alicia – Bem, não é para tanto. Eu não acusei ninguém, foi a minha amiga quem...

Tom – Vi o ódio nos olhares, garanto-te. Podiam ter-me linchado...

Alicia – Tens a certeza de que não estás a exagerar um pouco?

Tom – OK, há uma coisa que poderias fazer para que te perdoes.

Alicia – Diz...

Tom – Concede-me esta dança.

Alicia – Desculpa?

Tom – Há pouco te convidei para dançar e recusaste. Concede-me esta dança.

Alicia – Aqui? Numa estação de táxis?

Tom – Não temos nada urgente para fazer, certo?

Alicia – Nem sequer há música!

Tom – Tenho-a no meu telemóvel. Devias isso, não?

Alicia hesita.

Alicia – Está bem, mas vamos só dançar, está bem?

Tom – Está bem.

Ele tira o telemóvel, coloca uma música lenta muito clássica, deixa o telefone no chão e abre os braços.

Alicia – Estás sempre pronto a pôr uma lenta quando conheces uma rapariga numa estação de táxis?

Tom – Se preferires outra música...

Alicia – Vamos a isso. Afinal, que risco corro, se não estás a tentar meter conversa comigo?

Ela aceita que ele a abrace e começam a dançar.

6. Proposta de Casamento

Alicia está a tomar um café. Max chega.

Alicia – Como estás?

Max – Estou com um pouco de ressaca, mas estou bem. Acho que exagerei um pouco com o champanhe...

Alicia – Não é todos os dias que casamos o nosso melhor amigo.

Max – Não...

Alicia – Estava bonito.

Max – Sim.

Alicia – Há muito tempo que não estávamos todos juntos assim.

Max – Sim... Bem... quase todos...

Alicia – Devíamos fazer isto mais vezes.

Max – Sim. Vamos ter de encontrar outra ocasião.

Pausa.

Alicia – Tenho uma ideia, mas...

Max – Ah, sim?

Pausa.

Alicia – Já estamos juntos há algum tempo. Estou grávida...

Max (*fingindo surpresa*) – Estás grávida? (*Ela não parece achar graça.*) É uma brincadeira...

Alicia – Sei que, tradicionalmente... seria mais a tua tarefa fazer-me a proposta, mas... como não acontece.

Max – Desculpa, não pensei que... fosse importante para ti.

Alicia – Não disse que fosse importante, mas... seria o lógico, não?

Max – Lógico?

Alicia – Quero dizer, seria o que se esperaria. Vivemos juntos, vamos ter um filho...

Max – Claro.

Alicia – Mostra um pouco de alegria.

Max – Desculpa, é só que... não pensei que teríamos esta conversa esta manhã. Já te disse, estou com ressaca...

Ela levanta-se.

Alicia – Já era difícil para mim falar-te disto, mas agora, vê, sinto-me... realmente mal.

Ele levanta-se e abraça-a.

Max – Perdoa-me, sinto muito. Claro, vamos casar... Amamo-nos, não é?

Alicia – Sou eu quem deve pedir desculpa. Desculpa. Não fui muito... É a minha primeira proposta de casamento, percebes?

Max – Sim... Nota-se um pouco.

Alicia – Mas também não deveria ser uma obrigação... Se não tens vontade...

Max – Alicia, queres ser minha esposa?

Alicia – Sim, quero.

Max – Então, eu nos declaro casados.

Alicia – Podes beijar a noiva...

Eles se beijam.

7. Emergência

Victor está lá. Não parece estar bem. Cecilia chega, um pouco agitada.

Cecilia – Já consegui comunicar-me com eles.

Victor – E o que disseram?

Cecilia – Vão enviar uma ambulância. Estás bem?

Victor – Não sinto o meu braço...

Cecilia – Vai ficar bem. Eles chegarão em poucos minutos. Bem, é o que espero...

Victor – Um enfarte, à minha idade... Definitivamente... Só para isso teria sido precoce...

Cecilia – Não digas disparates. E talvez não seja um ataque cardíaco. Mas é melhor não correr riscos.

Victor – Sinto muito por ti... Tornar-me viúvo no dia do teu aniversário de casamento seria mesmo o cúmulo...

Cecilia – Não brinques com isso. Vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que consigas ultrapassar isto.

Victor – Claro... (*Pausa*) Mas se, por azar, não conseguir ultrapassar, tenho que te dizer algo.

Cecilia – Por favor. Sei melhor do que tu onde estão todos os papéis, eu sou a que os organiza. Porque não descansas um pouco?

Victor – Não estava a falar dos papéis, mas... enquanto a ambulância não chega, podemos conversar, não?

Cecilia – Claro... Mas se for para confessar-me que me enganaste com a minha melhor amiga, pensa bem. Se saíres do hospital em duas horas, amanhã poderás arrepender-te de ter feito este tipo de confidências...

Victor – Nunca te enganei, Cecilia.

Cecilia – Então, estou a ouvir-te...

Victor – Primeiro, tens que saber que te amo.

Cecilia – Sei, Victor. Dizes-me isso todos os dias.

Victor – E tu respondes-me que também me amas.

Cecilia – Porque é verdade.

Victor – Mas tu só respondes... Nunca me dizes primeiro.

Cecilia – Amo-te, Victor. Como podes duvidar disso?

Victor – Sei, mas...

Cecilia – O quê?

Victor – Sempre me perguntei se eu sou realmente o homem da tua vida.

Cecilia – O homem da minha vida?

Victor – É um pouco ridículo, mas... sempre pensei que, no fundo... ainda estavas apaixonada pelo Fred.

Cecilia – Fred?

Victor – No fim de semana em que celebrei o meu aniversário na Normandia, saíste com ele.

Cecilia – Isso foi há muito tempo, Victor. Tu e eu ainda não estávamos juntos.

Victor – Claro. Não te culpo por teres saído com ele. Na verdade, não te culpo de nada.

Cecilia – Não voltei a vê-lo depois daquele famoso fim de semana. Nem sequer veio ao nosso casamento. Como podes dizer isso?

Victor – Precisamente. Talvez se o tivesses voltado a ver...

Cecilia – Estás a fazer-te mal desnecessariamente, Victor... Achas mesmo que é o momento?

Victor – Nunca tive coragem de te falar sobre isto. E talvez não volte a ter a oportunidade.

Cecilia – A minha história com o Fred durou apenas uma noite. Tinha bebido um pouco. É uma história sem importância. Conheci alguns homens antes de ti, sabes?

Victor – Mas o Fred era o meu melhor amigo.

Cecilia – Diz-me, como te sentes?

Victor – Mal.

Cecilia – Parece-me ouvir a ambulância.

Victor – É uma sirene de polícia. As ambulâncias não fazem esse barulho.

Cecilia – Não devem demorar muito agora...

Victor – Então...

Cecilia – Então o quê?

Victor – Também estive lá naquela noite. Cortejei-te. Mas foi com o Fred que saíste.

Cecilia – Sim.

Victor – Porquê?

Cecilia – O Fred ia para os Estados Unidos no dia seguinte. Ia deixar a França por muito tempo. Talvez para sempre.

Victor – E por isso saíste com ele?

Cecilia – Sabia que não o voltaria a ver. Pelo menos não durante muito tempo. Sim, talvez estivesse apaixonada por ele. Mas não o amava. Amo-te a ti. E é a ti que casei.

Victor – Gostaria que me amasses naquela altura.

Cecilia – Amo-te hoje. E não te deixarei ir.

Victor – Não vou embora, prometo.

Cecilia – Escolhi-te, Victor. Poderíamos ter vivido outra vida, tu ou eu? Não creio. Nem todos os sonhos de adolescentes estão destinados a tornar-se realidades.

Victor – O meu sonho eras tu. E tu tornaste-o realidade.

Momento de emoção.

Cecilia – Agora é a minha vez de te fazer uma pergunta. Preciso de saber.

Victor – Sim...

Cecilia – Sabias que tinhas problemas de coração?

Pausa.

Victor – Sim.

Cecilia – Mas não me disseste...

Victor – Terias casado comigo se soubesses?

Cecilia – É uma pergunta estranha.

Victor – Desculpa... Tinha medo de que... Não queria que me visses assim.

Cecilia – Assim?

Victor – Não queria que sentisses pena de mim.

Ela segura-lhe a mão.

Cecilia – Ouço outra sirene.

Victor – Desta vez é mesmo uma ambulância.

Cecilia – Vou abrir-lhes. Vai ficar bem, prometo...

Victor – Claro... Vai ficar bem...

8. Os Amigos

Estão sentados à mesa, tomando um café. Silêncio incômodo.

Fred – Não sabia que estava doente... Bem... doente do coração, quero dizer.

Max – Eu também não.

Fred – Claro. Se não, tu terias dito...

Pausa.

Max – Não contei a ninguém. Nem mesmo à esposa dele, pelo que parece.

Fred – Não me surpreende. O Victor... tinha um temperamento de vencedor. Tudo lhe corria bem.

Max – O salário mais alto, o carro mais grande... A mulher mais bonita...

Fred – O que ele gostava era de ser admirado. Não teria suportado que o compadecessem.

Max – Mas acabou por morrer.

Fred – Não se pode ganhar sempre.

Max – Não... Eu diria que, no final, estamos todos condenados a perder. Todos. Mesmo aqueles que têm... um temperamento de vencedor.

Pausa.

Fred – E tu, como estás?

Max – Estou bem.

Fred – Então não deixaste a região.

Max – Não. Nem sequer deixei o instituto, vês. Porque me tornei professor lá. Certamente ficarei até à reforma. Não devo ter um temperamento de vencedor, como dizes.

Fred – Falava do Victor. Sempre tão sensível...

Pausa.

Max – E tu?

Fred – Estou bem.

Max – Continuas no setor imobiliário?

Fred – Sim. Mas viajei bastante.

Max – Para os Estados Unidos?

Fred – Para os Estados Unidos. Para a Ásia. Agora vivo no Sul.

Max – No Sul de França...?

Fred – Lyon.

Max – Casado?

Fred – Casado. E divorciado. E tu?

Max – Divorciado. E casado novamente.

Pausa.

Fred – Quanto tempo passou desde a última vez que nos vimos?

Max – Não sei... Muito tempo.

Fred – É uma pena.

Max – Mmm...

Fred – Éramos muito próximos, afinal. Éramos amigos.

Max – Sim.

Fred – Ainda somos?

Max – Claro...

Fred – Mas já não nos vemos.

Max – Tu disseste, vives no Sul.

Fred – Lyon não está no fim do mundo.

Max – Não. Nem sequer é realmente o Sul.

Fred – Não sei. Onde começa o Sul?

Max – Exatamente, não sei. Diria Montélimar.

Fred – Mas Lyon não é o Norte. Também não é o Centro. O Este?

Max – Não exatamente.

Fred – Nem o Oeste, certamente.

Max – Lyon é um desafio para todos os geógrafos, e eu sou um deles. Não é uma localização, é um destino. A prova é que a Gare de Lyon está em Paris.

Fred – Tens razão. Lyon está no meio do nada. Chega-se lá pela autoestrada e atravessa-se um túnel. Deve ser por isso que vivo lá. Sempre tive problemas para me estabelecer num lugar...

Max – Eu nunca consegui mudar-me, vês. Deve ser por isso que me tornei professor de geografia. Para viajar sem sair de casa.

Pausa.

Fred – 13 de abril de 2010.

Max – Desculpa?

Fred – A última vez que nos vimos foi a 13 de abril de 2010.

Max – Que memória...

Fred – Era o aniversário do Victor. Ele tinha organizado uma grande festa na casa de campo dele na Normandia.

Max – Ah, sim, talvez. De qualquer forma, não era no casamento dele. Tu não estavas lá.

Fred – Estava longe... Em São Francisco, acho. Não pude fazer a viagem... É uma queixa?

Max – Não. É uma constatação.

Fred – Nunca gostei muito de cerimónias.

Max – Mas foste ao funeral dele.

Fred – Sim... (*Pausa*) O que aconteceu naquela noite, para que nunca mais nos voltássemos a ver depois?

Max – Hoje estamos a ver-nos.

Fred – Sim... Mais de dez anos depois. E teve que morrer o Victor...

Max – Já não nos víamos muito antes daquela festa na Normandia, não é? É a vida. Tomamos caminhos diferentes. E os nossos caminhos já não se cruzaram...

Pausa.

Fred – Então nunca me perdoaste?

Max – Perdoar o quê?

Fred – Sabes muito bem.

Max – Garanto-te que não.

Fred – E nunca me perdoarás.

Max – Mas por quê?

Fred – Por ter saído com a Cecília! No dia do aniversário do Victor.

Max – Por que iria eu zangar-me contigo?

Fred – Porque suponho que estavas apaixonado por ela.

Max – Isso é uma tolice.

Fred – Não estavas apaixonado por ela?

Max – Sim, talvez um pouco...

Fred – Sempre estiveste apaixonado por ela. Eu cheguei naquela noite, não a tinha visto desde... e ela atirou-se para mim.

Max – Não estava com ela. Não é como se ela me tivesse enganado com o meu melhor amigo.

Fred – Então lembras-te. E zangaste-te comigo.

Max – Sim.

Fred – Ela foi quem se aproximou de mim.

Max – Claro. E deixaste-te levar, como sempre.

Fred – Nunca mais a vi depois. E ela não tentou voltar a ver-me.

Max – Por que me contas isso? É menos grave se for apenas uma aventura de uma noite, é isso?

Fred – No fim, uns meses depois, ela estava com o Victor. E tu nunca guardaste rancor dele.

Max – Ele casou-se com ela.

Pausa.

Fred – Continuavas a vê-los?

Max – Sim. De vez em quando. A cidade não é muito grande, sabes.

Fred – Mas nós já não nos vemos mais.

Max – É complicado manter uma amizade com alguém que vive a quinhentos quilómetros de distância, mas é ainda mais complicado estar zangado com um amigo que vive mesmo em frente.

Pausa.

Fred – Então sou o vilão, não é?

Max – Não disse isso.

Fred – Virás ao meu funeral, pelo menos?

Max – Dizes tolices. E talvez eu morra antes de ti.

Fred – Estava bêbado naquela noite. Como toda a gente. Ela foi quem veio atrás de mim. Deixei-me levar, como dizes. Ela queria estar com alguém. Não sei por quê, escolheu-me a mim.

Max – Porque sabia que para ti não tinha importância, provavelmente. Que nem sequer tentarias voltar a vê-la depois.

Fred – Certamente, sim.

Max – Isso é provavelmente o que faz com que todas as garotas se atirem aos teus braços.

Fred – Sim. E é por isso que não consigo manter nenhuma.

Max – É verdade, eu estava ciumento. Ciumento do teu sucesso. Eu sou o que poderia casar-se. Por isso lhes dou medo. Invejava a tua leveza...

Fred – E eu invejava a tua rigidez.

Max – Queres dizer a minha rigidez, imagino.

Fred – Pensava que tu ias fazer algo da tua vida. Quero dizer, algo que tivesse sentido.

Max – Mas, no fim, não fizemos nada importante, sabes? Nem uns nem outros.

Fred – De qualquer forma, nenhum de nós três se tornou uma estrela de rock, como sonhávamos na altura, quando percorríamos juntos as salas de festas da região com aquela banda...

Max – Os Rebeldes...

Pausa.

Fred – Então é isso... É por causa da Cecília...

Max – Não.

Fred – Não me digas que é por causa daquele último concerto que fizemos juntos, e que correu completamente mal porque me faltava uma corda na guitarra...

Max – Achas mesmo que é por causa de uma rapariga, Fred? Ou por causa de uma corda partida? Que bastaria que me perdoasses para voltarmos a ser amigos como antes?

Fred – Não sei.

Max – É verdade, se tivesses tocado um pouco melhor nesse concerto, talvez tivéssemos feito mais alguns. Mas não sou estúpido. Sei bem que essa banda não estava destinada a durar. Nunca nos teríamos tornado músicos profissionais. E quanto a ser famosos...

Fred – Então por quê?

Max – Não entendes, Fred. Não estamos zangados. Simplesmente perdemo-nos de vista, é tudo. E, de certa forma, isso é muito mais grave. Olhos que não veem, coração que não sente, conheces o ditado? Já não fazemos nada juntos. Não temos nada para partilhar. Por isso, já não somos verdadeiramente amigos. A amizade não morre num dia específico. Como o Victor. Afastamo-nos pouco a pouco. E não nos vemos porque, quando o fazemos, lembra-nos a nossa juventude. Todas as promessas que fizemos uns aos outros, todas as promessas que fizemos a nós mesmos, e que não cumprimos.

Fred – Então, o que é a amizade para ti?

Max – Não sei... É quando a opinião de alguém conta para ti. Quando te divertes com essa pessoa. Quando tens projetos em comum. Quais são os nossos projetos? Tomar outro café juntos num ano ou em dez, por ocasião de outro funeral? Já não temos sonhos em comum, Fred. E não tenho a certeza de ter sonhos, de facto. Quando nos vemos, só falamos do tempo antigo. É por isso que já não nos vemos. Porque me deprime. E a ti?

Fred – Sinto muito...

Max – O quê?

Fred – Por não ter estado lá. Por ter desertado. Desertado a nossa amizade.

Max – Não tens culpa. Eu também não. É a vida. Que projetos poderíamos ter juntos?

Fred – Não sei.

Max – Naquela época sonhávamos em gravar um disco em Inglaterra.

Fred – Poderíamos começar a fazer caminhadas... Com bastões de esqui, sabes? É mais adequado para a nossa idade do que o rock, não?

Max – Vives em Lyon, eu nas redondezas de Paris.

Fred – Poderíamos fazer caminhadas perto de Dijon. Cada um faria a metade do caminho. Agora, com o TGV...

Max – Mesmo quando vivíamos a duas ruas de distância, já estávamos afastados. E quando foste... Não te culpo, claro. Tinhas coisas novas para viver. Eu também, por sinal. Não eram as mesmas...

Fred – Além disso, era preciso encontrar um trabalho verdadeiro para ganhar a vida. Não se pode estar eternamente estagnado em sonhos impossíveis de realizar. Tens razão. Já suspeitávamos, mesmo naquela época, que nunca nos tornaríamos estrelas...

Max – De qualquer forma, agora estamos seguros disso.

Fred – E é por isso, segundo tu, que já não somos amigos? Porque não conseguimos realizar os nossos sonhos de adolescentes.

Max – Não. Não é só por isso. Os sonhos, poderíamos ter encontrado outros. Até poderíamos ter rido juntos dos nossos fracassos.

Fred – Então, por quê?

Max – Quando éramos realmente amigos, víamo-nos todos os dias, até vivemos juntos durante um tempo, íamos de férias juntos.

Fred – Parece que falas de um casal velho.

Max – Era um pouco isso, não era? Sem o sexo. Fica tranquilo, nunca me seduziu. Mas sim. O amor, a amizade... É um pouco a mesma coisa. E não suporta o reumático.

Fred – E depois casaste-te. Eu também...

Max – Nossas esposas tornaram-se nas nossas melhores amigas. Com sexo pelo meio. E mesmo depois de termos terminado, nossas esposas muitas vezes continuam a ser as nossas amigas mais leais. Éramos amigos porque não tínhamos esposas, Fred. A amizade é coisa de solteiros.

Fred – Então, não nos voltaremos a ver?

Max – Não sei. Às vezes é ainda mais triste ver-se do que não se ver.

Fred – E não tens amigos?

Max – Partilhar um churrasco uma vez por mês e umas férias uma vez por ano, é realmente ser amigos?

Fred – Então, o que fazemos?

Max – Não disse que é culpa tua. Só quero fazer as pazes comigo mesmo, entendes? Com o eu que antes era teu amigo.

Fred – E se formos outra vez uma banda de rock?

Max – Seria patético...

Pausa.

Fred – Tens a certeza de que tudo isso realmente existiu?

Max – O quê?

Fred – O que descreves, isso. A nossa amizade, tal como a mencionaste antes.

Max – Não sei. Não?

Fred – Estávamos constantemente ciumentos um do outro. Estávamos dispostos a todas as traições só para estar no centro das atenções, só para ter uma rapariga, até roubando-a ao nosso melhor amigo. Na verdade, odiávamo-nos.

Max – Sim... Mas divertíamo-nos muito. E pelo menos estávamos vivos. Desde quando não te riste verdadeiramente?

Fred – Há algum tempo, creio. Tanto como tu, imagino.

Max – Isso é. Já não rimos juntos. E não tenho a certeza se rimos muito em geral. Daquilo que se chama rir, sabes? Até doer a barriga. Lembras-te das nossas gargalhadas? No fim, talvez isso seja a amizade. Isso é o nosso paraíso perdido. O riso...

Pausa.

Fred – Vou voltar a viver em Paris.

Max – Não é por causa da nossa conversa, pois não?

Fred – Já estava a pensar nisso há algum tempo. Porque Lyon, entre nós...

Max – Tu decides...

Fred – Sempre podemos fazer caminhadas no Bois de Vincennes...

Max – É tentador. Vou pensar nisso.

Fred – Tenho de ir. O meu comboio sai dentro de quinze minutos.

Max – Está bem. Tens o meu número.

Levantam-se, hesitam e dão um abraço caloroso. Fred prepara-se para sair.

Fred – A propósito, para a minha mudança... Poderei contar contigo?

Max – Os amigos estão para isso, não é?

9. Regresso

Fred chega por um lado, Cecília pelo outro.

Cecilia – Fred? O que fazes aqui?

Fred – Pois, vê bem, eu... voltei.

Cecilia – Voltaste?

Fred – Agora vivo em Paris.

Cecilia – Que bom... Fico contente por te ver.

Fred – Eu também... Como estás?

Cecilia – Estou... a melhorar.

Fred – Lamento muito.

Cecilia – É a vida. Mas é difícil...

Fred – Entendo.

Cecilia – Suponho que para vocês também. Eras amigo dele.

Fred – Sim.

Cecilia – E tu, como estás?

Fred – Estou bem.

Cecilia – Vais ficar muito tempo em Paris?

Fred – Comprei uma casa.

Cecilia – Conseguiste encontrar uma casa em Paris?

Fred – Trabalho em imobiliária, sabes.

Cecilia – Ah, sim, é verdade.

Fred – No Parc Montsouris.

Cecilia – Parc Montsouris... Fica ao sul, não é?

Fred – Ao sul de Paris, sim. É a primeira vez que compro uma casa. Até agora... era bastante nómada.

Cecilia – E o Max, já o viste novamente?

Fred – Acabei de o deixar. Ajudou-me com a mudança.

Cecilia – Os amigos estão para isso, não é?

Fred – Sim... E tu, ainda os vês? Quero dizer... desde que se divorciaram.

Cecilia – Claro. A Alicia é amiga...

Fred – Ah, sim, é verdade... Acho que sem ti...

Cecilia – O quê?

Fred – Nada, esquece... E tu... vais ficar por aqui?

Cecilia – Por agora, sim. Depois veremos. Não estou muito certa de onde estou.

Fred – Entendo... Então, voltaremos a ver-nos?

Cecilia – Talvez. Mas agora tenho de ir...

Fred – Claro. Eu também.

Cecilia – Até breve, talvez...

Preparando-se para ir cada um pelo seu lado. Ele a chama.

Fred – Cecília?

Cecilia – Sim?

Fred – Se eu te tivesse pedido para vir comigo para os Estados Unidos naquela noite, terias vindo?

Cecilia – Não me pediste.

Ela sorri e vai-se embora. Ele fica ali um momento e também se vai.

Epílogo – O Labirinto

Dois personagens com máscaras ou vendagens nos olhos. Um chega de um lado, o outro do lado oposto. Parecem incomodados por se encontrarem.

Ele – Então?

Ela – Nada...

Um momento.

Ele – E se tentarmos por ali?

Ela – Já venho de lá.

Ele – E por aqui, já experimentámos?

Ela – Sim.

Ele – Tens a certeza?

Ela – Absoluta. Até várias vezes.

Ele – Então, já não vejo...

Um momento.

Ela – Quanto tempo estamos perdidos neste labirinto?

Ele – Não sei. Muito tempo...

Ela – Todo este tempo à procura da saída, e ainda não a encontramos.

Ele – E se não houvesse uma?

Ela – Então, por onde teríamos entrado?

Ele – Não sei. Lembras-te do momento em que entrámos?

Ela – Não... mas deve ter havido um momento em que entrámos. Se não, como teríamos chegado aqui?

Ele – Tens razão. Devemos ter entrado por algum lado.

Ela – Sim. Pela saída.

Ele – Entrámos pela saída?

Ela – Não sei... Achas que poderia haver uma entrada e uma saída?

Ele – Isso significaria duas saídas possíveis...

Ela – E ainda não encontramos nenhuma?

Ele – Ou talvez só houvesse uma entrada, e a bloquearam depois de estarmos dentro.

Ela – Eles? Quem são “eles”?

Ele – Não sei... Alguém teve que projetar este labirinto, não é? E já que não somos nós...

Ela – Tens a certeza de que não somos nós?

Ele – Se fôssemos nós, saberíamos onde está a saída, não?

Ela – Sim, imagino...

Ele – Ou talvez tenhamos esquecido.

Ela – Esquecido o quê?

Ele – Esquecido onde estava a saída.

Um momento.

Ela – Achas que somos os únicos neste labirinto?

Ele – De qualquer forma, nunca encontramos ninguém.

Ela – Talvez os nossos caminhos nunca tenham cruzado.

Ele – Isso surpreenderia-me...

Ela – Porquê?

Ele – Cada vez que nos separamos para procurar a saída, acabamos sempre por encontrar-nos aqui.

Ela – É verdade... Nunca encontramos a saída, mas nunca nos perdemos. Pelo menos, sempre nos encontramos...

Ele – Sim... Estamos condenados a estar juntos.

Ela – Condenados?

Ele – Disse “condenados”?

Ela – Disseste “condenados a estar juntos”.

Ele – Não, queria dizer... Aparentemente... é o nosso destino. Estamos feitos para viver juntos.

Ela – Sim... mas então, por que passar todo o nosso tempo à procura da saída?

Ele – Não sei.

Ela – Achas que se encontrássemos a saída, não continuaríamos juntos?

Ele – Juntos? Referes-te a fora?

Ela – Sim, fora... Achas que a primeira coisa que faríamos ao sair seria ir cada um para o seu lado?

Ele – Isso... nunca saberemos.

Ela – A menos que encontremos a saída...

Ele – Sim.

Ela – E se deixássemos de procurar?

Ele – Deixar de procurar a saída?

Ela – Porquê não?

Ele – E o que faríamos no seu lugar?

Ela – Não sei. Poderíamos... Não sei...

Um momento.

Ele – Talvez seja melhor continuarmos à procura, não?

Começam a mover-se novamente.

Ela – Vou ver se por ali pode estar a saída.

Ele – E eu por aqui.

Ela – Encontramo-nos aqui?

Ele – De acordo...

Saem cada um pelo lado oposto ao que entraram.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Agosto de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-243-2

Documento para download gratuito